

## Ressonâncias musicais de uma relação estética na musicoterapia: oficina de canções e sensibilização com educadoras da educação infantil

WAZLAWICK, Patrícia<sup>1</sup>  
[patricia.wazla@terra.com.br](mailto:patricia.wazla@terra.com.br)

**RESUMO:** Este trabalho relata a realização da “Oficina de Canções e Sensibilização”, realizada com educadoras de uma instituição de educação infantil na cidade de Curitiba, em 2005. É uma proposta de atividade que surgiu de uma demanda presente na própria escola, sendo realizada em base a Musicoterapia na interface com a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, tendo em vista as contribuições teóricas de Lev S. Vygotski. As atividades musicoterápicas configuraram-se em atividades criadoras e expressivas, onde as educadoras puderam se colocar de forma integral naquilo que fazem, ao articular imaginação, fantasia, percepção, reflexão, emoções e sentimentos, como integrantes de vivências que permitiram combinações inovadoras frente à compreensão de si, de seus alunos, de suas realidades, do contexto educacional e das possibilidades de mudança. Uma proposta de Musicoterapia atrelada ao contexto sócio-histórico e cultural de sujeitos em relação, que propicia aos participantes produzirem novos sentidos àquilo que vivem e àquilo que querem modificar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Musicoterapia, Oficina de Canções e Sensibilização, Psicologia Histórico-Cultural.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho relata uma atividade realizada em forma de “oficina” com um grupo de educadoras da educação infantil, de uma instituição de ensino na cidade de Curitiba, PR, desenvolvida durante os meses de março a maio, no ano de 2005.

Esta idéia surgiu quando a diretora da escola nos solicitou a desenvolver um trabalho para ampliar o repertório musical infantil das educadoras e estimulá-las a cantarem mais com as crianças em suas atividades diárias.

---

<sup>1</sup>Musicoterapeuta, Mestre em Psicologia (UFPR), Doutoranda em Psicologia (UFSC); professora universitária. / Psicóloga, Doutora em Psicologia Social (PUC-SP).

No entanto, ao pensar na elaboração da proposta e das atividades a serem desenvolvidas ocorreu-nos a reflexão de que, a partir da necessidade da escola, não bastaria apenas trabalhar com um repertório musical de forma técnica e objetiva. Ou seja, urgia a necessidade de se trabalhar de modo sensibilizado as atividades musicais e junto delas o repertório musical, para despertar nas educadoras, a partir delas mesmas e da relação em grupo a importância das atividades musicais neste período da infância, tendo como foco o desenvolvimento criador no fazer musical das crianças, que passa a se refletir como integrante de seus processos de constituição enquanto sujeitos.

Para isto foi proposta a “Oficina de Canções e Sensibilização”, desenvolvida na modalidade de um projeto piloto<sup>2</sup>, com um grupo de dez educadoras que trabalham com bebês e crianças até cinco anos de idade. Desenvolveu-se durante sete encontros onde foram trabalhadas temáticas específicas – relatadas abaixo -, com uma hora de duração cada encontro, realizada nas dependências da própria instituição de ensino.

Tivemos como base e orientação a fundamentação teórica e prática na área da Musicoterapia ao tecer uma interface com a Psicologia Histórico-Cultural, no que diz respeito às temáticas das atividades criadoras, educação estética e constituição do sujeito, com a contribuição do psicólogo russo Lev S. Vygotski.

## REFLEXÕES TEÓRICAS

Camargo (2004), em relação ao contexto educacional, refletindo sobre a dinâmica das emoções e a escola, pontua sobre uma necessidade iminente neste contexto: a sensibilização do educador. Segundo a autora “a questão da dimensão emocional no ambiente escolar deve passar pela sensibilização do educador, para que ele perceba que ela é importante na sua vida e de seus alunos, é constitutiva do sujeito e de seu olhar sobre o mundo” (p. 186). O educador deve ir além da “tomada de consciência” sobre a importância desta questão, ele precisa lidar com a dimensão emocional, sensível, e partilhar emoções, para que ao agir integre razão e emoção, e possa efetuar as mudanças que se fazem necessárias no contexto educacional, enquanto ele e os alunos – sujeitos concretos -, possam sair transformados, capazes de modificar realidades, inovar e crescer.

---

<sup>2</sup> Modelo e/ou campo de experimentação para métodos ou processos inovadores. Pesquisa e intervenção experimental (FERREIRA, 1975).

Ao refletir sobre esta questão com o trabalho proposto, sentimos a necessidade de realizar a oficina de modo que contemplasse o despertar e o desenvolvimento da sensibilidade estética, musical, de si mesmo e do grupo, da necessidade das crianças, de um novo olhar sob este fazer e sob novas possibilidades. Um olhar estético<sup>3</sup>, pautado também sob o desenvolvimento da autoconsciência, que, em meio ao vivido nesta experiência pudesse apontar e estimular novas atitudes e fazeres em seus contextos de atuação.

A educação estética, no sentido de trabalhar com o sentir, com a percepção sensorial, com a dimensão do sensível, junto de atividades criadoras e expressivas, pode se configurar sinônimo de uma educação para a inovação. A música é um fazer, é uma produção humana que permite acessar e despertar a dimensão do sensível, da imaginação, da percepção, do afeto (sentimento e emoção), e da reflexão, tendo em vista que o ser humano pode desenvolver sensibilidade, e desenvolvê-la por meio destas atividades mediadas pela dimensão musical. Aqui encontramos uma inovação de proposta na própria área de atuação da Musicoterapia – o que fomos construindo ao longo desta oficina.

Figueiredo (2005) pontua que durante a formação oferecida em cursos de pedagogia que preparam educadores para os anos iniciais da escola, no contexto universitário brasileiro, pouco ou quase nada tem sido destinado à área de música. Isto se reflete diretamente na prática profissional destes, pois existe uma ausência significativa de educação musical nos anos iniciais da escola, o que gera uma lacuna na experiência escolar oferecida para as crianças nesta faixa de idade. Na formação destes educadores, no que tange ao trabalho na área de artes que poderiam desenvolver enquanto professores generalistas, cada vez mais se reforça a idéia de que música não é para todos, que para se trabalhar com música é necessário uma formação específica, muitas vezes compreendida como formação tradicional em música, por sujeitos que tenham “dom ou talento para a música”. Afirma Figueiredo:

...Para o senso comum, fazer música é tocar instrumentos musicais, e para tanto, é preciso ter talentos especiais, é preciso ser muito musical. Ignora-se o fato de que todas as pessoas se relacionam com a música de sua cultura e, nesta perspectiva, não existem indivíduos não musicais. Como afirma Hodges (1999), ‘todas as pessoas possuem algum grau de musicalidade, porque todos os indivíduos

---

<sup>3</sup> “Olhares estéticos se flexibilizam e são flexibilizadores da inovação, posto que sensíveis ao visível e invisível, à diversidade que caracteriza a realidade e às infundáveis possibilidades de relações que podem com esta vir a ser estabelecidas” (ZANELLA e cols., 2005, p. 138).

respondem de alguma forma à música de sua cultura’ (p. 30). Além disso, há diversas maneiras de lidar com música além de tocar um instrumento musical, assim como, é possível realizar atividades musicais bastante simples, acessíveis a todas as pessoas (FIGUEIREDO, 2005, p. 177).

A música na formação acadêmica de educadores faz parte de uma disciplina que trata das artes de maneira plural e polivalente, e nesta mesma disciplina a música é uma das áreas menos oferecidas, uma vez que é considerada específica demais. Para Figueiredo:

O resultado desta formação musical superficial é a ausência de experiências significativas em música nos primeiros anos da escola. A insegurança dos professores generalistas com relação à música é freqüentemente mencionada por estes profissionais (...) e tal insegurança inibe o desenvolvimento de propostas de educação musical consistentes para os anos iniciais... (FIGUEIREDO, 2005, p. 176).

Estamos frente a práticas importantes, a área de artes e em específico a música, tendo em vista o lugar que deveriam ocupar durante a formação de educadores, para realizarem em suas práticas um trabalho integrado no que diz respeito à educação infantil e como ela se insere no processo de constituição do sujeito. Mas, estas práticas se encontram sem as devidas reflexões, e segundo Figueiredo a realidade encontrada “coloca as artes em uma situação irrelevante na formação dos indivíduos” (2005, p. 177).

Em contrapartida, Zanella e cols. (2005) relatam e discutem a partir da realização de oficinas com professores(as) da rede pública, na cidade de Florianópolis, SC, uma possibilidade de se trabalhar com atividades criadoras, educação estética e constituição do sujeito em contextos de formação continuada. Suas pesquisas e intervenções basearam-se em oficinas “conduzidas através de atividades que envolviam sensibilização e reflexão a partir de linguagens artísticas variadas” (p. 138). Fica evidente com a realização destas oficinas que a abertura de espaços que vislumbram novos olhares é de fundamental importância, e aqui falamos de novos olhares no trabalho com a dimensão sensível e atividade criadora a partir da arte, que permitem aos educadores(as) tornarem-se sensíveis a novos devires em sua própria prática. Na realização destas oficinas ficou claro que é possível lidar-se com “infinitas possibilidade de criar, independente das pessoas serem artísticas ou não” (ZANELLA e cols., 2005, p. 139).

Falamos então, da possibilidade - a partir e por meio do trabalho realizado com oficinas que envolvam fazeres artísticos direcionados para a educação estética -, destes profissionais ressignificarem seus papéis de educadores. Educadores que possam se ver e sentirem-se como protagonistas de suas atuações, que possam construir novos olhares e

formas de lidar com a realidade, já que esta é sempre polissêmica e multifacetada, que sejam agentes de mudanças. Educadores que se construam em suas ações, e que construam possibilidades variadas de pensar sobre suas ações, que reflitam e que ao agirem superem o seu cotidiano. Que se percebam enquanto capazes de criar, e que possam sintetizar razão e sensibilidade à existência cotidiana (VYGOTSKI, 1990, 2001).

## MÉTODO

Os sete encontros da oficina foram realizados quinzenalmente, com uma hora de duração, em dois grupos de cinco professoras. A oficina teve um caráter prático-vivencial, baseada em vivências e experiências musicais propostas na Musicoterapia. Também foi realizado um momento de conhecimento teórico acerca de um tema proposto.

Os objetivos propostos e trabalhados foram: 1) Sensibilizar as educadoras frente às atividades expressivo-criadoras que podem desenvolver com seus alunos, mediadas inicialmente com músicas e canções; 2) Resgatar o “cantar”, a relação com este cantar e sua importância nas histórias de vida de cada educadora; 3) Resgatar as “canções” que fizeram parte da “trilha sonora” de vida de cada educadora, situadas nos momentos de infância; 4) Despertar para o “cantar junto” na relação educadora-crianças, para a partir daí proporcionar o desenvolvimento e criação de atividades criadoras e expressivas que pudessem realizar em sala de aula e demais momentos do processo de educação; 5) Trabalhar com o momento de “escuta” do outro (o ouvir e escutar); 6) Conhecer a respeito da importância da vivência da música, canções, atividades sonoro-musicais ao longo do processo de constituição das crianças enquanto sujeito; 7) “Compor” um repertório de canções.

O primeiro encontro pautou-se sob o tema da “Escuta do outro e do som do outro”. Foi trabalhada a escuta de trechos musicais de estilos diferentes (rítmico, melódico, harmônico e música atonal), com os olhos vendados. Após a atividade de escuta sobreveio uma discussão de como foi escutar este “outro” e todas as suas diferenças, que se estendeu até o “como” é escutar e trabalhar com as crianças. Também foi lido e refletido o texto “Por que a Barbie não canta. Reflexões acerca das atividades de música na infância” (WAZLAWICK, 2005, p. 2).

No segundo encontro foi trabalhado o tema “Conhecendo minha voz e minhas canções (em minha história de vida)”. Com a lembrança de canções de suas infâncias cada educadora pôde cantá-las novamente, (re)criá-las sonoro-musicalmente e falar a respeito

delas. Gravamos em fita k-7 este momento, e após ouvimos a produção de cada participante. Discutimos como foi se escutar cantando, como cada uma se escuta, que outras formas pode ter para “se escutar” no seu dia-a-dia, entrar em contato consigo, com seus sentimentos, com o que sente frente às situações, como lida com seus sentimentos, emoções, angústias, necessidades, desejos, interesses, e como pode desenvolver mais estes aspectos. Após este momento, listamos as canções da infância de cada educadora para que fossem trabalhadas musicalmente no encontro seguinte.

O terceiro encontro, então, esteve sob o tema do “Cantar junto”. Levamos as letras das canções de infância impressas em folhas. Com atividades de expressão corporal, movimentos no espaço da sala, dança, brincadeira de roda, parlendas, versinhos e percussão de instrumentos musicais (violão, maracas, cocos, guizos, pandeiro, meia-lua, caxixi, pau-de-chuva, chocalhos, castanhola, afouxé, entre outros), cantamos, re-criamos, e vivenciamos suas canções. Canções estas que se faziam comuns umas as outras, que despertavam novas lembranças e recordações, que despertavam na lembrança a forma como foram cantadas e vividas na infância, enfim, trabalhamos a experiência musical do cantar junto, ali, em grupo, re-criando uma parte de suas vidas, para despertar como isto é (e/ou pode ser) importante e “vivo” no trabalho de educação infantil que desenvolvem atualmente com as crianças.

Esta atividade continuou no quarto encontro, onde foi possível discutir a respeito de como foi cantar canções suas e de outras colegas, como foi cantar individualmente e em grupo, o que estas canções “dizem” de cada uma delas, qual o “recado” que portam a elas, como é cantar com as crianças, o que as crianças gostam de escutar e cantar atualmente, quais são as canções que perduram ainda, o que mudou. A partir desta vivência perguntamos a cada educadora o que poderia ser trabalhado no dia-a-dia da escola, em termos de atividades criadoras e expressivas com as crianças, que estivesse vinculado a estas e outras canções, em termos de como poderiam estimular as crianças a cantarem, quais atividades podem desenvolver e proporcionar no cotidiano da escola e que envolvam canções, músicas, sons, vivências musicais. Escrevemos no quadro-negro todas as sugestões que tiveram naquele momento, e depois as registramos para repassar esta lista a cada uma das educadoras.

A partir deste encontro começamos a compor um “Repertório de Canções”, que contivesse as canções de suas infâncias e canções de hoje. Não apenas canções, mas brincadeiras cantadas, cirandas e rodas, parlendas, versinhos, jogos rítmicos, canções em

outras línguas, e até sugestões de construção de instrumentos musicais surgiram e somaram-se as possibilidades do trabalho sonoro-musical que podem realizar com seus alunos. Tudo surgindo e pululando na realização de “Atividades vivenciais sonoro-rítmico-musicais e vocais”, e suas sugestões a partir destas vivências.

No sexto encontro trabalhamos de modo teórico e dialogado com informações a respeito da “vivência sonoro-musical das crianças”, com material previamente elaborado, impresso em folhas, leitura dirigida e discussão em grupo.

No sétimo e último encontro realizamos mais uma vivência sonoro-musical com as educadoras. Trabalhamos também com algumas músicas e canções referente a seus momentos atuais de vida, algo que partiu delas, e com a Re-Criação Musical de duas canções: “Epitáfio” (Titãs) e “É preciso saber viver” (Roberto Carlos). Cantamos e tocamos instrumentos musicais, cada educadora destacou versos das letras das canções e comentou sobre como os percebe em relação a aspectos de suas vidas. Neste momento seus temas estiveram sobre os aspectos de: *“o que é preciso para alcançarem seus sonhos, sobre a valorização de suas vidas, sobre cuidar de si mesmas, saber dos próprios limites, sobre a importância da família, de pessoas importantes que querem bem, sobre saber curtir cada coisa em seu momento, ter mais liberdade, estar em harmonia com os outros, sobre a importância e necessidade de crescer naquilo que fazem e em vários aspectos consigo mesmas, ser mais independente, ser mais madura, começar de novo, aprender a saber viver de novo, ser mais responsável consigo, com suas tarefas, com suas vidas, mais humoradas, saber ouvir”* [sic]<sup>4</sup>. Este foi o encontro de fechamento, onde trabalhamos o “Devir: canções e atividades vislumbradas para a prática diária na escola”.

Na seqüência foi elaborado um material (apostila) que conteve os textos de reflexão utilizados na oficina, a lista de canções da infância trazidas pelas educadoras, as sugestões de atividades para serem realizadas com as canções, as letras na íntegra de cada canção – tanto das canções delas, quanto das canções inseridas nas atividades pela musicoterapeuta coordenadora da oficina, as letras das canções em outras línguas -, e uma lista de sugestão de cd’s de músicas infantis, folclóricas, instrumentais e de músicas de outros povos, que foram utilizadas nas atividades e vivências sonoro-musicais, que também poderiam estar fazendo uso em suas atividades no cotidiano da escola. Este material foi repassado para cada uma das participantes.

---

<sup>4</sup> No artigo completo encontram-se mais discursos das educadoras na forma de informações coletadas ao longo das atividades da Oficina, não estão presentes aqui devido à configuração do tamanho de texto exigido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de atitude e de ações para intensificar o trabalho com canções e atividades musicais direcionadas às crianças foi visível após a realização da oficina e ao longo de todo o ano de 2005. As educadoras passaram a trabalhar de modo mais seguro, integrado, responsável e criativo com todos esses recursos junto de suas turmas de alunos. Inovações em termos de canções, cd's, criação de instrumentos musicais, afinação de voz, e até na decoração das salas de aula como estímulo visual às crianças. Várias delas continuavam solicitando repertório novo, outras traziam canções e cd's novos e repassavam as demais, mostravam as novidades, e algumas até buscaram e participaram de cursos de musicalização infantil para professores em locais específicos. Certamente foi uma ampliação de suas possibilidades nesta área, que também se estende a outras áreas de sua vida e atuação profissional. Além disso, todas as educadoras solicitaram a continuação da oficina ao longo do ano.

O foco da oficina, além de tudo, esteve na possibilidade e oportunidade de permitir com aquelas vivências que as educadoras pudessem ampliar suas percepções sobre os assuntos e aspectos propostos, começar a refletir criticamente sobre como praticam estas atividades, que sentido<sup>5</sup> dão ao cantar, à atividade musical, à inovação frente a este fazer, que sentido dão ao fato de se trabalhar musicalmente com as crianças no cotidiano da pré-escola. Tal como diz Schmidt (2005), um convite para repensarem suas práticas a partir de um novo olhar – e diríamos também, de uma “nova escuta” sonoro-musical -, sobre os sentidos que têm atribuído às suas experiências e atividades em relação a este fazer, e sobre si mesmas.

Vygotski diz que “a criança não escreve versos ou desenha porque nela se revela um futuro criador, mas porque nesse momento isso é necessário para ela e ainda porque em cada um de nós estão radicadas certas possibilidades criadoras” (2001, p. 349). Que estas possibilidades criadoras se tornem então, síntese presente em nossa história de hoje e do

---

<sup>5</sup> Sentido: segundo Vygotski (1992) o “sentido” remete-se àquilo que significa (alguma coisa) para o sujeito, e está relacionado a sua dimensão afetiva, desejos, pensamentos e ações. O sentido é o significado pessoal, singular, retirado do sistema objetivo de enlaces, que têm relação com o momento e a situação dados (WAZLAWICK, 2004).

vir a ser, para sermos sujeitos humanizados e criadores de realidades também de esplendor – esplendor de uma estética viva.

## Referência Bibliográfica:

CAMARGO, Denise. *As emoções & a escola*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. Educação musical e pedagogia. In: Simpósio de Pesquisa em Música, 2005. Curitiba: *Anais do Simpósio de Pesquisa em Música 2005*. Editora DeArtes UFPR, 2005. p. 174-185.

SCHMIDT, Luciana Machado. Para além das dificuldades cotidianas: o desafio da educação estética a partir de situações concretas em sala de aula. In: ZANELLA, Andréa V.; COSTA, Fabíola C. B.; MAHEIRIE, Kátia; DA ROS, Sílvia Z. (orgs.). *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Livro encaminhado para publicação. Florianópolis, 2005.

VYGOTSKI, Lev S. Pensamiento y palabra. In: VYGOTSKI, Lev S. *Obras Escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones, 1992. p. 287-348.

VYGOTSKI, Lev S. A educação estética. In: VYGOTSKI, Lev S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 323-363.

VYGOTSKI, Lev S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Ediciones AKAL, 1990.

WAZLAWICK, Patrícia. *Por que a Barbie não canta*. Reflexões acerca das atividades de música na infância. In: *Jornal da Manhã*, 08 de março de 2005, p. 02. Ijuí, RS.

WAZLAWICK, Patrícia. *Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de Musicoterapia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia. Curitiba, 2004.

ZANELLA, Andréa Vieira, et al. Olhares e traços em movimento: análise de uma experiência estética em um contexto de formação continuada de professoras(es). (pp. 137-144). In: ZANELLA, Andréa V.; COSTA, Fabíola C. B.; MAHEIRIE, Kátia; DA ROS, Sílvia Z. (orgs.). *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Livro encaminhado para publicação. Florianópolis, 2005.